

**Desenhos de uma genealogia discursiva da mentira: as relações dos libelos do século XIX na França com as *fake news* do século XXI no Brasil**

**Outlines of a lie's discursive genealogy: the libelous' relations in the XIX century in France along XXI century's fake news in Brazil**

**Dibujos de una genealogía discursiva de la mentira: las relaciones de los libelos del siglo XIX en Francia con las falsas noticias del siglo XXI en Brasil**

Recebido: 08/05/2020 | Revisado: 08/05/2020 | Aceito: 09/05/2020 | Publicado: 18/05/2020

**Joseeldo da Silva Junior**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3872-9425>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: [joseeldojr@gmail.com](mailto:joseeldojr@gmail.com)

**Regina Baracuh**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2867-6806>

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

E-mail: [mrbaracuh@hotmail.com](mailto:mrbaracuh@hotmail.com)

**Francisco Vieira da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>

Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil

E-mail: [francisco.vieiras@ufersa.edu.br](mailto:francisco.vieiras@ufersa.edu.br)

**Resumo**

O artigo objetiva traçar, por meio uma genealogia, a relação entre as mentiras urbanas disseminadas na França no século XIX, por meio de publicações impressas chamadas de libelos, até as mentiras virtuais fabricadas e compartilhadas nas mídias sociais brasileiras, materializadas nas atuais *fake news*. Para isso, mobilizamos o método genealógico, conforme proposto por Michel Foucault. Metodologicamente falando, trata-se de um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa. As conclusões sinalizam que as notícias falsas contemporâneas extrapolam os limites estabelecidos pelos libelos do século XIX, pois a amplitude dos meios de difusão – as tecnologias digitais – são infinitamente superiores aos

textos impressos do período oitocentista. Todavía, encontram-se semelhanças entre os textos do século XIX e as *fake news*, especialmente quando se pensa no caráter político dessas práticas e no fato de se voltarem para a difamação de figuras públicas. Além disso, outra similitude diz respeito às regularidades discursivas a respeito de questões relativas à sexualidade, ainda entrevista como um campo que gera certa comoção social.

**Palavras-chave:** Genealogia; Mentira; Libero; *Fake news*.

### **Abstract**

This paper aims to draw, making use of genealogy, the relation between urban lies that were disseminated in France in the XIX century through printed publications named libelous, until the virtual lies produced and shared on Brazilian social medias which are materialized in the current “fake news”. In order to make this draw we mobilize the genealogic method proposed by Michel Foucault. Methodologically speaking, it is about a descriptive-interpretative study of qualitative nature. The conclusions reveal contemporaneous fake news exceeding the limits stablished by the libelous in the XIX century, since the amplitude of the diffusion means – digital technologies – are infinitely superior to texts from the XIX century. However, there are resemblances between those texts and the fake news, especially when we think about the political character of these experiences and the fact that they turn to the defaming of public figures. Besides, another portrait concerns the discursive regularities related to questions about sexuality, yet it is seen as a field which generates social commotion.

**Keywords:** Genealogy; Lie; Libelous; Fake news.

### **Resumen**

El artículo pretende rastrear, a través de una genealogía, la relación entre mentiras urbanas difundidas en Francia en el siglo XIX, a través de publicaciones impresas llamadas libelos, incluso las mentiras virtuales fabricadas y compartidas en las redes sociales brasileñas, materializadas en las noticias falsas actuales. Para eso, movilizamos el método genealógico, según lo propuesto por Michel Foucault. Metodológicamente hablando, es un estudio descriptivo-interpretativo de naturaleza cualitativa. Las conclusiones indican que las noticias falsas contemporáneas van más allá de los límites establecidos por las difamaciones del siglo XIX, ya que la amplitud de los medios de comunicación - las tecnologías digitales - es infinitamente superior a los textos impresos del siglo XIX. Sin embargo, existen similitudes entre los textos del siglo XIX y las noticias falsas, especialmente cuando se piensa en el carácter político de estas prácticas y en el hecho de que se centran en difamar a las figuras

públicas. Además, otra similitud se refiere a las regularidades discursivas con respecto a los temas relacionados con la sexualidad, que siguen siendo entrevistas como un campo que genera una cierta conmoción social.

**Palabras clave:** Genealogía; Mentira; Libero; Noticias falsas.

## 1. Introdução

Problema social de escala mundial, as *Fake News (FN)* tornaram-se um elemento corriqueiro na vida populacional. Muitas discussões têm sido travadas, em muitas esferas da sociedade, desde as eleições americanas para presidente e o Brexit, na Inglaterra, ambos em 2016. Muitas vezes tais FN possuem abrangência maior do que um fato verdadeiro, como mostrou o estudo de pesquisadores do Massachusetts Institute of Technology, reproduzido pela Folha de São Paulo<sup>1</sup>, constatando que a chance de disseminação de uma *fake new* é 70% maior que uma notícia verdadeira. A pesquisa estudou cerca de 170 mil notícias, analisando o número de compartilhamento de conteúdos falsos e verdadeiros, chegando à conclusão que há maior compartilhamento de informações inverídicas do que qualquer outra ocorrência verdadeira.

O fato é que a mentira como prática de deturpação da realidade não é uma particularidade do século XXI, tal como mostra Ferrari (2018), em “Como sair das bolhas?”. A autora demonstra que as *FN* “não é novo e nem nasceu com os blogueiros” (FERRARI, 2018, p. 75), evidenciando que a produção de inverdades remonta desde a Idade Média. A novidade é que as *fake news* possuem mecanismos tecnológicos que contribuem para a sua difusão. Os *sites* de redes sociais, por exemplo, são o principal suporte de alcance das informações falsas, ao tonar possível a interação entre milhares de internautas. Contudo, independentemente do meio, a verdade é que as *FN* cumprem o seu papel de deixar estardalhaços nas sociedades, ao destruir condutas e carreiras. Assim ocorre na contemporaneidade, assim também ocorreu na Idade Média, conforme pretendemos apresentar no espaço deste artigo.

Temos como objetivo traçar uma genealogia das mentiras urbanas disseminadas na França até as mentiras virtuais fabricadas e compartilhadas nas mídias sociais, evidenciando a literatura libelista produzida no contexto francês do século XIX, pontuando as similaridades

---

<sup>1</sup> Matéria produzida pela Folha de São Paulo em que mostra que as fake news são mais compartilhadas do que notícias verdadeiras. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/fake-news-apelam-e-viralizam-mais-do-que-noticias-reais-mostra-estudo.shtml>. Acesso em 22 de abril de 2020.

com as atuais *fake news*. Para isso, mobilizamos o método genealógico, conforme proposto a partir das ideias de Michel Foucault, cujo pensamento culminou na formação dos Estudos discursivos foucaultianos, sobre o qual se ancora este artigo. A Análise do Discurso com Foucault permite-nos pensar/ler a sociedade sob a ótica de conceitos elaborados pelo filósofo francês, de modo a entender “quem somos nós, hoje?” Como se trata de analisar a sociedade à luz dos fatos sociais, este escrito se enquadra numa pesquisa do tipo qualitativa, de viés descritivo-interpretativo. O *corpus*, aqui analisado, é composto por um arquivo contendo charges, capas de revistas e recorte de vídeo publicizados nas mídias sociais, os quais relacionam-se com a problemática das *fake news*.

Estruturalmente falando, na primeira seção deste artigo, discutimos brevemente a noção de genealogia tratada por Foucault, de modo criar uma explanação sobre o procedimento desse método nos estudos discursivos. Na próxima seção, intitulada *Os libelos e as FN*, traçamos um panorama das mentiras urbanas, disseminadas na França, e das mentiras virtuais, fabricadas e compartilhadas nos sites de redes sociais no Brasil. Na ocasião, discutimos a presença (ou a ausência) de um sujeito que enuncia as *fake news*; articulamos a noção de autor para dialogar sobre esta marca que inscreve os discursos inverídicos publicados tanto nas ruas de Paris como nas mídias sociais. Mais à frente, na seção nomeada de *A engrenagem das FN*, abordamos as relações da saber-poder que permeiam as informações falsas. Trouxemos a discussão para o campo brasileiro, pontuando as disputas de narrativas que se estabelecem como verdadeiras, fazendo transparecer uma disputa de poder. Por fim, pontuamos breves considerações finais sobre os libelos na sociedade francesa as *fake news*, enquanto elemento similar desta literatura, no contexto brasileiro.

## 2. Referencial Teórico

Embora Foucault (2006) tenha negado ser um historiador – e até mesmo um filósofo –, a preocupação com a História é latente em seus estudos. Em todas as fases do seu pensamento, da arqueologia do saber à genealógica da ética, a questão da História é central para compreender os processos discursivos sobre os quais Foucault se debruçou. A fase genealógica, que compreende o segundo e o terceiro – e último – momento da obra do filósofo francês, é marcada por ser um método em que se busca na/pela História “descrever a gênese do tempo”, como define Veiga-Neto (2007, p. 56). No entanto, nesta busca pela gênese na História, não se pode dizer que o interesse da genealogia é encontrar uma origem.

Foucault (2017, p. 58), na esteira das ideias de Nietzsche, não estaria interessado na “essência exata da coisa”, na sua “mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma”, uma vez que procurar pela origem “é tentar reencontrar ‘o que era imediatamente, o ‘aquilo mesmo’ de uma imagem exatamente adequada para si”. A tarefa do genealogista, portanto, é de ter o cuidado em escutar a história em face as suas descontinuidades, sem recorrer, no entanto, à missão de estabelecer uma verdade sobre uma coisa ou outra; é, também, “vê relações de força funcionando em acontecimentos particulares, movimentos históricos e história” (Dreyfus & Rabinow, 1995, p. 121). Assim, temos que o foco de Foucault passa a ser concentrado nas relações de poder – ou, poderíamos dizer, em estratégias de poder.

Afirma o filósofo que “a formação dos discursos e a genealogia do saber têm de ser analisadas a partir não dos tipos de consciência, das modalidades de percepção ou das formas de ideologias, mas sim das táticas e estratégias de poder” (Foucault, 2006, p. 188). Não é estranho pensar, a partir disso, que o genealogista deva fazer suas análises interpretativas tendo como pano de fundo as táticas e estratégias de poder, pois o trabalho de Foucault em “Vigiar e Punir”, por exemplo, levou em consideração essas premissas. Tratou-se de investigar como a disciplina, enquanto estratégia de poder, definiu regras comportamentais que incidem diretamente sobre o corpo. Para constatar o poder disciplinar, Foucault recorre aos movimentos da história, reconhecendo “os acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas as vacilantes vitórias, as derrotas mal digeridas, que dão conta dos atavismos e das hereditariedades” (*Ibid*, 2017, p. 61).

Esse jogo de retorno ao passado compreende modos de escrever a história do presente. Mas, para isso, o genealogista deve partir em busca de “começos”, não para “recuar no tempo para restabelecer uma grande continuidade para além da dispersão do esquecimento”, conforme nos ensina Foucault (2017, p. 62), mas, sim, para demarcar os desvios ou fazer aparecer os acidentes da história, que propiciaram os “erros valorosos”. Ainda de acordo com o filósofo francês, no ensaio “Nietzsche, a genealogia e a história”:

A história, genealogicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes da nossa identidade, mas, ao contrário, se obstinar em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam (Foucault, 2017, p. 83).

O discurso, portanto, está envolto a uma rede histórica, que, enquanto acontecimento, emerge na descontinuidade que “nos atravessa”. Dessa forma, a genealogia pretende retornar

ao passado, não para esmiuçá-lo, como um exercício da história tradicional, mas sim para verificar artifícios únicos, singularidades, olhares clínicos, de maneira que possa contribuir para explicar os fenômenos da atualidade. Conforme preconizam Dreyfus e Rabinow (1995, p. 118), “a genealogia evita a busca da profundidade. Ela busca a superfície dos acontecimentos, os mínimos detalhes, as menores mudanças e os contornos sutis”. Dessa maneira, a genealogia busca os recortes, os desníveis e as rupturas que caracterizam a emergência dos acontecimentos discursivos.

### 3. Metodologia

As pesquisas têm como objetivo trazer novo ou novos ou saberes, como consideram Pereira et al. (2018). O presente estudo pauta-se por um viés descritivo-interpretativo, na medida em que nos propomos a analisar as relações entre os libelos franceses do século XIX com as *fake news* do século XX, por meio de um processo de descrição e de interpretação dos discursos que permeiam essas práticas dispersas em diferentes momentos ao longo da História. Utiliza-se ainda por um viés qualitativo como preconizado por *Ibidem* (2018), tendo em vista que nos propomos a pensar na natureza do fenômeno – a prática discursiva da mentira – de modo a prescindir de uma racionalidade numérica. Para observarmos as conexões entre as duas práticas, analisamos a página de rosto do libelo *O gazeteiro encouraçado*, tomando como foco os estudos de Darnton (2012) e quatro materialidades relativas às *fake news*: uma charge, excerto de um vídeo humorístico, selo do programa *Saúde sem fake news* e uma capa de revista.

## 4 Resultados e Discussão

### 4.1. Os libelos e as FN

Notícias, boatos, imagens e até mesmo vídeos figuram a lista das chamadas *fake news*, uma grande categoria que aglutina diversas materialidades discursivas quando classificadas como “falso”. Levando em consideração a diversidade dessas materialidades no contexto atual, podemos estender esse raciocínio para os *libelos* – as *fake news* do século XVIII, que também possuíam a função de deturpar a realidade, como mostra Robert Darnton (2012), em *O Diabo na água benta*, ao produzir um panorama histórico sobre essa prática discursiva literária na França daquela época.

Darnton expõe como a política da mentira, que tinha os libelos como instrumento de saber-poder, era usada para difamar, caluniar “todos, desde o rei e seus ministros até dançarinas de cabarés e homens do mundo” (*Ibid.*, 2012, p. 15), promovendo alvoroço social. Roxo (2004), estudando a história da difamação no jornalismo, define os libelos como:

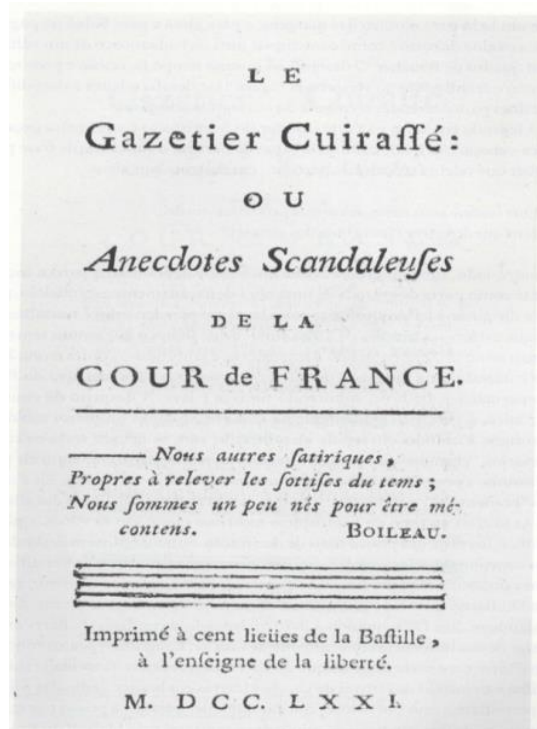
pequenos parágrafos completos e coesos em si cujas derivações impressas redundavam em panfletos, livros, crônicas escandalosas, os romances folhetinescos pornográficos e os tratados de filosofia libertárias, constituíram uma variedade de impressos (em folhas e livros) produzidos em série, tendenciosos e inexatos (Roxo, 2014, p. 193).

Tal como as *fake news* deste século, os libelos também eram plurais: circulavam em formato de panfleto, livros ou crônicas, conforme atesta Roxo. O modelo de um libelo pode ser conferido logo abaixo – na Figura 1. Trata-se de uma página de rosto de um dos “libelos mais chocantes e mais vendidos do Ancien Régime<sup>2</sup>” (Darnton, 2012, p. 23), *O gazeteiro encouraçado*, cujo objetivo foi atacar condutas de personagens poderosos através de mensagens caluniosas, como o caso do ministro da Justiça francês René Nicolas de Maupeou, que, através de um golpe, buscou reorganizar o sistema jurídico do país. Darnton, ao retomar esta história, tem a intenção de exemplificar como o libelo “mais ousado e mais descarado”, que foi *O gazeteiro encouraçado*, (*Ibid*, 2012, p. 24) protestou contra a atitude de Maupeou.

---

<sup>2</sup> Ou Antigo Regime, em tradução literal; refere-se ao sistema político e social dos aristocratas instaurado na França. Tinha o rei como o absolutista, sobre o qual o poder era centrado.

**Figura 1:** Página de rosto do libelo “O gazeteiro encouraçado”.



Fonte: Retirado do livro “O diabo na água benta”, de Robert Darnton (2012)

Robert Darnton estudou com profundidade a literatura libelista, não com a função de reescrever a história, como ele destaca, mas para destacar como “história e literatura se mesclam em antropologia” (Darnton, 2012, p. 19). Os libelistas, com sua literatura “tendenciosa e inexata”, destaca *Ibid* (2012 p. 19), possuíam o intuito de atribuir sentido às vidas cotidianas na França, tomando reis, ministros, membros da corte como personagens a serem exortados na opinião pública. Dessa forma, a mentira política firmou-se como artifício cuja finalidade foi de causar atritos, danos à imagem e burburinhos na sociedade francesa.

Vale destacar que, na literatura científica, são poucos os estudos que abordam a temática dos libelos. Robert Darnton parece ter sido o principal pesquisador acerca do tema. No entanto, citações pontualmente são feitas em outros trabalhos, como é o caso do escrito de Roxo (2014), *O diabo e o diploma: como a difamação do passado pode ajudar no jornalismo do presente*, e o artigo de Adriana Romeiro (2017), *Pasquins, libelos e panfletos*. Ambos dedicam pequenos parágrafos aos libelos, retomando características ou construindo uma definição a respeito.

Em breve busca nas plataformas de trabalhos científicos *Google Scholar* e *Scielo*, observamos que apenas o Google Scholar retornou com respostas às palavra-chave “libelo”, sendo maioria em língua inglesa ou espanhola. Os trabalhos no Brasil, quando encontrados por nós, resumiam-se ao campo jurídico. Essa restrição, no entanto, é justificada, uma vez que



libelo é um instrumento acusatório utilizado em documentos processuais, conforme pode-se constatar no *Dicionário UNESP do português contemporâneo*: “1. texto que envolve acusação a alguém ou a uma ideia; 2. acusação”. (Borba, 2004, p. 840).

O fato é que existe uma escassez de estudos acerca da literatura libelista, independentemente do campo de estudo. Ao tomar libelos como uma proposta de estudo, buscamos empreender uma genealogia – à moda foucaultiana – do que entendemos por *fake news*. Jogamos luz aos libelos por acreditarmos haver semelhança no *modus operandi* tanto das mentiras virtuais do século XXI quanto da cultura libelista do século XVIII. Ambas as práticas discursivas conversam, sendo uma e outra com características que condizem com os espaços-temporais nos quais estão situados.

Robert Darnton, a respeito da escassez de estudos sobre os libelos destaca: “calúnia e difamação sempre foram um negócio sórdido, mas seu caráter odioso não é motivo para considera-las não merecedoras de estudo sério” (Darnton, 2012, p. 20). Isso nos faz crer na relevância de analisar os libelos, considerando a discussão atual em torno das *FN*. Esse gênero literário apenas difere no modo de divulgação: não circulou nos espaços das mídias digitais, mas, sim, em ambientes franceses, uma vez que se tratou de um mecanismo impresso. Os libelos se pautaram pela demonização da conduta pessoal de membros políticos, apelando para a desconstrução de reputações e moralidades, consideradas mecanismos indispensáveis na construção do homem público. De igual modo, as notícias falsas também o fazem, apesar de abranger assuntos diversos do cotidiano, como saúde, educação, religião etc.

Outro aspecto a mencionar é o anonimato. A literatura libelista, assim como as *FN*, também se apoiou nessa condição, conforme atesta Darnton (2012), ao produzir impressões sem a indicação de autoria. Exemplo dessa prática é *O gazeteiro encouraçado*. A escrita anônima propicia se expressar a bel-prazer, sem o prejuízo de arcar com consequências advindas do comportamento desvirtuoso praticado nos libelos. De acordo com Darnton (2012, p. 318), “os libelistas gostavam de se apresentar anonimamente como espíões, segundo uma antiga e popular tradição de pseudoorientalismo”. Esse tipo de posicionamento, na literatura, por muito tempo foi tido como normal, segundo explica Foucault (1992), pontuando que a polêmica da autoria era atitude facultativa, não suscitava questionamentos. Conforme assinala o autor:

Houve um tempo em que esses textos que hoje chamaríamos de "literários" (narrativas, contos, epopeias, tragédias, comédias) eram aceitos, postos em circulação, valorizados sem que fosse colocada a questão do seu autor; o anonimato não constituía dificuldade, sua antiguidade, verdadeira ou suposta, era para eles garantia suficiente (Foucault, 1p. 48).

Não durou muito, no entanto, a ausência de valor do autor de um texto, sobretudo quando ele se propõe a agredir a moral e a dignidade de um sujeito. No caso dos libelos, a polícia francesa passou a investigar os autores, de modo a mitigar a publicação das mentiras, que se apresentava como verdadeira – tal como as *fake news*. Segundo Darnton (2012, p. 108) pontua, as invenções dos libelistas “tinham grande ressonância entre o público em geral”, resultando, muitas vezes, no enriquecimento dos libelistas. Logo, reprimir a circulação dessa literatura, que atacava as autoridades, passou a ser a ordem do dia. A noção do autor, nesse sentido, ganha relevância, dado à natureza sórdida dos libelos. Enquanto literatura, texto, em seu estado linguístico, a constituição anônima era imprescindível, pois permitia a livre publicação. Por outro lado, ao se valer da condição do anonimato, essas *FN* do século XVIII causavam uma série de problemas sociais.

No que diz respeito à noção de autoria, a inexistência do sujeito-autor era indiferente para o libelo se tornar uma materialidade discursiva. O libelo era libelo, mesmo sem possuir uma assinatura responsável pela sua criação. De igual modo, as *FN*. Conforme assinala Foucault, “um texto anônimo que se lê na rua em uma parede terá um redator, não terá um autor. A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (Foucault, 1992, p. 46). O funcionamento da produção discursiva, nesse sentido, depende muito mais da reverberação entre os leitores do que a predominância de um sujeito-autor, como se verifica com os libelos e as *FN*.

O fato é que, embora tanto os libelos quanto as *FN* passem para a história como sendo verdadeiros, ambos não possuem credibilidade, exatamente por não haver uma função autor. Foucault esclarece que, se antes na literatura a existência de autor foi irrelevante, isso, no entanto, foi alterando. Diz o autor:

os discursos "literários" não podem mais ser aceitos senão quando providos de função autor: a qualquer texto de poesia ou de ficção se perguntará de onde ele vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias a partir de que projeto (Foucault, 1992, p. 49).

Assim, torna-se fundamental que haja elementos essenciais que validem/autentiquem a publicação. Tratando-se dos libelos, até onde sabemos, inexistiam características como essas apontadas por Foucault, apesar de se apresentar como notícia em certo momento, de acordo com Darnton (2012). Ou seja, os libelos também “aplacavam a fome de notícias do público. No século XVIII, como hoje, os leitores tinham apetite insaciável por revelações acerca da vida privada de figuras públicas” (Darnton, 2012, p. 376). Nesse contexto, percebe-se, portanto, que esse mecanismo de saber-poder não difere expressivamente das *fake news*, ainda que os meios de circulação e o alcance não sejam os mesmos.

Isso posto vale pontuar a presença de questões ligadas à sexualidade nos libelos, sobretudo *n’O gazeteiro encouraçado*. Darnton revela que figuras do clero tinham sua orientação sexual alvo de inquietações. Falava-se em autoridades religiosas que mantinham relações sexuais com cardeais. Também são citadas anedotas as “doenças venéreas transmitidas dos bordeis para a corte” (*Ibid*, 2012, p. 33). Madame du Burry era a personagem responsável pela transmissão, tida como plebeia e ex-prostituta, que levava para o palácio de Versalhes as violações sexuais. Isso demonstra, portanto, que os libelos, além de tratar assuntos políticos, ligados ao cotidiano da vida francesa, pautava temas mais obscuros, como a vida sexual do clero e, portanto, tocavam em questões que despertava a curiosidade do público.

Pensamos que os libelos possuíam aspectos do que hoje conhecemos por *fake news*. Darnton, a propósito, em entrevista concedida à Folha de São Paulo, atesta as similaridades entre as duas práticas discursivas. Afirma o historiador que “as notícias falsas sempre existiram” (Darnton, 2017, s/p) e, ao fazer analogia, diz que se assemelha a posts de *Twitter* ou *Facebook*, pois se espalhavam em Paris, às vésperas da Revolução Francesa.

#### **4.2 A engrenagem das *fake news***

É inegável que a circulação das atuais *fake news* conturba vários setores da sociedade. A *web* se apresenta como principal instrumento de vinculação das mentiras virtuais. Sobretudo nas mídias sociais, a propagação de *FN* toma dimensão maior, dado a facilidade de acesso ao conteúdo e o número de usuários que utilizam tais mídias. É fato perceber que, com a liquidez vivida na contemporaneidade, conforme nos situa Bauman (2001), as informações são rapidamente consumidas. O compartilhamento de dados está ao alcance de poucos cliques, o que permite ao usuário das mídias sociais, passar adiante dezenas de notícias sem verificação.

A linha do tempo no *Facebook*, apenas para citar um exemplo de site de redes sociais, se estabelece como um grande mural de conteúdo, em que publicações se amontoam, devido a grande massa de mídia produzida. Nesse ambiente, notícias de teor duvidoso e sem autenticidade também aparecem nesse mural virtual, sem questionamento quanto a sua veracidade. Bauman (2001), a propósito dessa falta de questionamento, afirma que nossa sociedade deixou de lado o “dever de examinar, demonstrar, justificar (e que dirá provar)” (*Ibid*, 2001, p. 31). No entanto, isso não quer dizer, afirma o autor, que a “sociedade tenha suprimido (ou venha a suprimir) o pensamento crítico como tal” (Bauman, 2001, p. 31). Nesse sentido, a facilidade de manuseio de conteúdo na web, portanto, tende a suscitar críticas, se consideramos uma sociedade de conhecimento.

Um olhar para as estatísticas corrobora a ideia de Bauman a respeito da falta da criticidade. De acordo com estudo do DNPontoCom, divulgada pelo *Yahoo*<sup>3</sup>, sete em cada dez brasileiros ignoram o conteúdo de notícias, ou seja, apenas leem o título delas. Os dados são referentes ao grupo da geração Z, aqueles que nasceram no fim da década de 1990 até 2010. Essa geração não se importa com o teor da publicação, apenas se atentam a chamada da notícia veiculada. Isso mostra que não é feita distinção de fontes com ou sem credibilidade jornalística. O repasse de informações, sem a checagem do conteúdo, portanto, contribui para os transtornos causados pelas mentiras fraudulentas.

Sabendo que a *web* se torna um canal facilitador para a propagação de conteúdo como as *fake news*, cabe, neste momento, pensar as condições de aparecimento deste vírus informativo. Primeiro, vale dizer que entendemos as *fake news* como prática discursiva (Foucault, 2010), o que nos impulsiona a elaborar a discussão a respeito disso. Segundo, as *fake news* é vista por nós como elemento de saber-poder na sociedade digital, uma vez que, por meio delas, interesses escusos se escamoteiam (Porcello & Brites, 2018; Recuero; Grudz, 2019) e relações de força se estabelecem, com vistas a atingir determinado fim, quando associada a questões políticas. Vale realçar que não discutiremos, de um lado, as práticas discursivas, e de outro, as relações de saber-poder, uma vez que os conceitos em Foucault se entrecruzam.

Pode-se falar que as *FN*, enquanto práticas discursivas, poderiam vir a obedecer certo número de regras, pois, segundo ensina Foucault (2014), o discurso passa por uma série de procedimentos. Não é permitido falar tudo, em qualquer circunstância, em qualquer espaço ou

---

<sup>3</sup> Os dados da pesquisa foram extraídos da publicação realizada pelo Yahoo. Disponível em: <https://br.financas.yahoo.com/noticias/fake-news-7-em-cada-10-brasileiros-leem-os-titulos-da-noticias-e-nao-os-conteudos-141122360.html>. Acesso em: março de 2020.

tempo. No entanto, por que as *fake news*, em especial, transparece uma fuga de regras de condições de aparecimento? Esse tipo de prática discursiva esquiva-se de condutas sociais, ignora as leis e atropela as ordens discursivas. Em toda sociedade, diz-nos Foucault (2014, p. 08), “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída”. Ora, a impressão em relação às mentiras virtuais, como temos chamados também as *FN*, é que não existe controle, organização ou distribuição discursiva. Ocorre de forma aleatória, sem amarras sobre as quais demandam o discurso na sociedade.

Isso poderia se justificar pela ausência de um sujeito nas *fake news*. Não há, nas informações inverídicas, um jornalista, um colunista, um articulista, um autor que identifique o responsável por determinado conteúdo. Nós mostramos acima a ausência do sujeito com função de autor. Aqui, trata-se de constatar a inexistência de um sujeito ocupando um espaço, sobre qual discursiva. Foucault, aliás, discute a distinção entre o autor e o sujeito. Para o filósofo francês, “‘autor’ não é idêntico ao sujeito do enunciado” (Foucault, 2010, p. 105). Há aquele que produz um signo, mas também existe um sujeito que enuncia.

As *FN*, portanto, sejam vinculadas a uma corrente de *WhatsApp*, sejam traduzidas em uma imagem, não possui um sujeito responsável pela publicação, tornando-a alheio às regras que regem a sociedade. A ocultação do sujeito, portanto, leva à liberdade de produzir qualquer conteúdo sem restrição. Apesar disso, não se pode ignorar que há um sujeito que enuncia, mesmo que este sujeito não seja produtor da *fake news*. Ao compartilhar, republicar, disseminar de um modo geral, há uma enunciação da mentira. De acordo com Roxo e Melo (2018), baseando-se em Zuckerman (2017), a ideia de *fake news* recobre pelo menos as seguintes significações: i) notícia potencialmente verdadeira que não deveria receber tanta repercussão; ii) discurso enganoso proveniente da prática discursiva política, usado para enfraquecer um lado e fortalecer o outro; iii) falsas notícias que põem em xeque a credibilidade dos veículos jornalísticos.

Fischer (2013, p. 141), na esteira do pensamento de Foucault, reitera que as práticas discursivas só se mantêm mediante “determinadas regras”, que expõem “as relações que se dão dentro de um discurso”. Foucault assevera que uma prática discursiva se realiza por um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 2010, p. 138). Sendo o discurso revestido de poder, as práticas discursivas podem fabricar verdades e provocar mentiras, a depender de como é formatada.

Cotidianamente, notícias, informações, imagens, correntes e vídeos falsos circulam nas mídias sociais. Por meio dessas materialidades discursivas, enunciados que insurgem como verdadeiros, provocam disputas de narrativas e relações de forças. Isso pode ser exemplificado pela ilusória “mamadeira com bico em formato de pênis”, conhecida nacionalmente após a publicação de um vídeo no *Facebook* em que alertava sobre a distribuição desse item nas creches, cujo intuito era combater a homofobia. O vídeo informava que o então candidato à presidência da República Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), era o responsável pela ação. Em tom alarmista, a mensagem transmitida dizia que a mamadeira, “distribuída em creche, para seu filho, com a desculpa de combater a homofobia”, fazia parte do “famigerado” “*Kit Gay*”.

As afirmações contidas no vídeo soaram como verdadeira, para muitos, e trouxe para o cenário político uma disputa de enredo: de um lado, aqueles que acreditaram no teor informativo do vídeo, do outro, forças que alertavam para a mentira substanciada naquelas imagens ou riram da narrativa criada. O *site* Poder360 constatou que o vídeo obteve, na época, ou seja, em 2018, 4.300 reações do tipo “Haha”, que quer dizer engraçado; outras 2.200 reações responderam com “Grr”, isto é, se indignaram com a informação. Na charge que segue, vemos a discursivização dessa notícia falsa como uma estratégia amplamente empregada pela campanha do candidato Jair Bolsonaro que acabou por lograr êxito na corrida presidencial.

**Figura 2:** Charge sobre a “mamadeira de piroca”.

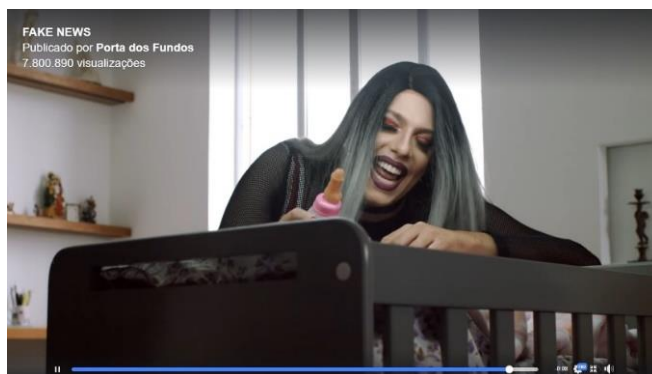


Fonte: Twitter.com, 2019

A narrativa em torno da “mamadeira de piroca”, como ficou conhecida, evidenciou uma queda de braço. A charge da Figura 2, em que um personagem aparece se autoflagelando e dizendo acreditar na “mamadeira de piroca”, demonstra como a crença em uma temática ao assunto passou a ser disputado e alvo de crítica. Esse sacrifício, conforme demonstrado na charge, demonstra o poder que as notícias falsas geram, em função dos posicionamentos políticos que enlaçam esses discursos. Noutros termos, mesmo diante da falácia da “mamadeira de piroca”, os sujeitos tendem a sustentar por mais tempo o boato e acreditar que não foram iludidos. Além disso, do ponto de vista de um domínio de memória, vemos que o autoflagelo constitui uma estratégia de poder empregada no esteio da religião, como um modo de dirimir as culpas pelos pecados cometidos. Se associarmos a remissão ao aspecto religioso ao eleitorado de Bolsonaro na eleição de 2018, veremos como os sentidos produzidos na charge articula-se a dizeres já instituídos acerca da penitência e do suplício autoinfringido. A remissão ao discurso bíblico sobre a verdade, matizado na campanha antes mencionada (“Conheceis a verdade e ela vos libertará”), forma um painel curioso para pensarmos em como as relações entre o verdadeiro e o falso encontram-se intrinsecamente ligadas nesse cenário sócio-histórico. Assim como nos libelos do século XIX, as *FN* também maculam reputações e imagens socialmente construídas. Nesse caso, temos um processo de afetação da imagem do candidato Fernando Haddad (PT) junto a setores mais conservadores da sociedade brasileira, os quais se viram ameaçados pela erotização da suposta mamadeira, especialmente porque se tratava de uma agressão à inocência das crianças.

Os diversos modos de reverberação dessa questão, sobretudo em tom de sátira ou ironia, demonstram como a mentira da mamadeira foi desqualificada, sem merecimento de prestígio. O canal no *YouTube* “Porta dos Fundos” serve como outro exemplo disso. O grupo de comédia criou um vídeo chamado “*Fake News*” com o intuito de ridicularizar o episódio, como mostra a cena da Figura 3. Nela, a travesti, personagem interpretado por Fábio Porchat, pega uma mamadeira com o bico de pênis e aponta para um bebê, afirmando que a “menine” irá tomá-la. O fato de ser uma travesti a protagonista da cena demonstra um caráter polêmico, além de causar desordem na cultura heteronormativa, pois traz este sujeito para um espaço tradicional e conservador. Mais que isso, o travesti, sendo socialmente silenciado e excluído, nesse contexto em que a sexualidade é enunciada de forma rasteira, sua aparição torna a narrativa subversiva e, por isso, perigosa.

**Figura 3:** Cena do vídeo “*Fake News*”.



Fonte: [Facebook.com/PortaDosFundos](https://www.facebook.com/PortaDosFundos)

Vimos na figura antes expressa, parte do vídeo do canal de humor, a sátira à *fake news* da mamadeira por meio da figura de uma travesti lançando mão da referida mamadeira para alimentar uma criança. A posição que enuncia nesse dizer, ao trazer a figura da travesti, reitera o tom exacerbado da polêmica, tendo em vista que o sujeito travesti, segundo os posicionamentos mais conservadores, representam o perigo ao binarismo masculino e feminino. Trata-se, pois, de uma figura ameaçadora cuja desordem de gênero pode confundir, ludibriar e corromper a mente das crianças. Nesse sentido, esses sujeitos, socialmente alijados de diversas oportunidades sociais, são categorizados como monstros e desviantes, ilegítimos de qualquer cuidado do Estado e, portanto, os políticos que apoiam essas causas, não são bem-vindos.

Não é antecipado afirmar como a questão acerca de gênero e sexualidade consegue capitalizar votos e, com isso, tornar latente as práticas discriminatórias que persistem no Brasil, acerca das dissidências sexuais. Ou seja, essas notícias são concebidas são consideradas críveis porque, no fundo, elas expressam o que muitos sujeitos pensam, mas ainda hesitam em explicitar.

A crença em informações falsas como esta é evidenciado por um dado preocupante trazido pelo Instituto Ipsos<sup>4</sup>. De acordo com a pesquisa realizada em mais de 27 países, o Brasil aparece na primeira posição no *ranking* da população que mais acredita em *FN*. A pesquisa aponta que 62% dos brasileiros crer em notícias com o teor inverídico. Isso revela

---

<sup>4</sup> A informação pode ser visualizada no site do site Valor, no *link* a seguir: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2018/10/08/brasileiro-e-o-povo-que-mais-acredita-em-boatos-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em 20 maio de 2020.



que há uma passividade na informação que é aceita. A *FN* ironizada acima, portanto, vai ao encontro com o número obtido pela investigação do Instituto Ipsos.

O fato é que as mentiras virtuais (*FN*) são costumeiramente usadas como arma de poder, como no exemplo da informação de que uma mamadeira com bico de pênis seria distribuída em creches. Como o poder “não é um objeto natural uma coisa; é uma prática social” (Machado, 2017, p. 12), discursos inverídicos como estes pretendem atacar uma conduta, injuriar uma política social ou produzir fatos distorcidos. Por meio de uma informação inventada, táticas de forças são articuladas, com distintas finalidades. Segundo mostra Araújo (2004, p. 242), não existem “meios de produzir saber e verdade que não impliquem certas relações de poder”. Em outras palavras, saber, verdade, discurso e poder estão enlaçados, “não cessam de produzir efeitos” (Araújo, 2004, p. 242).

Machado (2017) argumenta que os poderes se exercem em diferentes camadas das redes sociais, por essa razão todas as relações estão arraigadas de saberes, uma vez que saber e poder não se dissociam, segundo ensina Foucault (2006b). O fato é que sujeitos se munem dos mecanismos das *FN* para destruir reputação, se promover ou demonizar campos de saberes, tais como faziam com os libelos do século XIX. No cenário atual, existem, contudo, interesses em suprimi-las. Estratégias de checagem de informação, canais de comunicação, iniciativas educacionais, dentre outras, são mecanismos criados para combater as mentiras virtuais. Até mesmo instituições buscam meios de contornar o mal causado pelas *FN*. É o caso do programa “Saúde sem *Fake News*”, do Ministério da Saúde.

Por meio de uma plataforma online, o Ministério da Saúde desenvolveu um canal para se comunicar com a sociedade e desvelar as mentiras relacionadas à saúde. A instauração desse informativo digital constitui-se como uma tática biopolítica, uma vez que traz para a sociedade uma forma de governo que tem como objetivo trazer a verdade em relação às práticas mentirosas disseminadas na *web*.

O canal institucional funciona em conjunto com a população: o cidadão comum encontra uma informação suspeita e envia para o *WhatsApp* – criado pelo Ministério da Saúde – para verificar o teor. Após verificado, é publicado na página “Saúde sem *Fake News*” um conteúdo contendo detalhes da notícia falsa. Se verdadeiro, a publicação vem carregada com um selo verde com os dizeres: “Esta notícia é verdadeira”; se falso, a mensagem “Isto é *fake news*” é mostrada junta ao post. Abaixo, as imagens dos selos publicados pelo “Saúde sem *Fake News*”.

**Figura 4:** Selos do programa “Saúde sem *Fake News*”.



Fonte: Saúde sem *Fake News*, 2019.

A preocupação em relação às *FN* sobre saúde é compreensível, haja vista a existência de mentiras como a que indica que o exame de mamografia causa câncer de tireoide pode vir a resultar em problemas que incidem diretamente no corpo.

A mentira sobre o exame circulou nas mídias sociais em 2016, porém foi desmentido pelo médico Drauzio Varella<sup>5</sup> e também pelo “Saúde sem *Fake News*”<sup>6</sup>, em 2019, provavelmente pelo fato de a informação voltar a circular. De todo modo, trata-se de um desserviço à população que poderia ser encorajada a não realizar mais o exame em decorrência dessa *FN*. Sobre isso, a revista *Veja* estampou em sua capa, mesmo que em tom sensacionalista, um alerta dos males que as informações falsas poderiam vir a causar.

---

<sup>5</sup> A notícia em que o doutor Drauzio Varella fala sobre o boato em relação ao exame de tomografia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37581086>. Acesso em: 22 de julho de 2019.

<sup>6</sup> Programa “Saúde sem *Fake News*” desmente informação sobre a relação do exame de tomografia e câncer de tireoide. Disponível em: <http://saude.gov.br/fakenews/45243-mamografia-causa-cancer-de-tireoide-e-fake-news>. Acesso em: 22 de julho de 2019.

**Figura 5:** Capa da revista Veja sobre as *fake news* de saúde.



Fonte: Veja.com, 2019

Ilustrado por um Pinóquio – personagem de desenho animado símbolo da mentira – vestido como um profissional da saúde e com identificações *do Facebook* e *Google*, a matéria da revista chamou atenção para os cuidados e perigos em consumir notícias que trariam benefícios à saúde. “As *fake news* que matam” seriam informativos supostamente proveitosos encontrados nesses lugares da *web*, como a cura do câncer e a automedicação. Vemos, na materialidade significativa da capa, o nariz em realce no nariz do Pinóquio manchado de sangue nos fornece alguns indícios acerca de “quão perigoso” pode ser o consumo de informações falsas.

Considerando que há uma abundância extrema de informação no espaço virtual, quando se trata de dizeres sobre saúde, a situação fica ainda mais complexa, pois na *web* circula uma miríade de curas milagrosas, dietas imbatíveis e outros artifícios que podem colocar em risco a saúde dos sujeitos. Assim, vimos que as notícias falsas extrapolam os limites estabelecidos pelos libelos do século XIX, pois a amplitude dos meios de difusão – as tecnologias digitais – são infinitamente superiores aos textos impressos do período oitocentista.

## 5. Considerações Finais

Neste estudo, ao empreendermos uma relação entre as notícias falsas da contemporaneidade com publicações denominadas libelos, reproduzidas na França do século XIX, contribuimos com o debate acerca do estatuto do discurso verdadeiro e da construção

discursiva da mentira ao longo da história. Esse debate recobre diferentes áreas dos saberes, como a Filosofia, a História e a Comunicação.

Aqui especificamente, analisamos o fenômeno por meio do prisma dos estudos discursivos foucaultianos e reconhecemos que se trata de uma tema que perpassa múltiplas vertentes do conhecimento, haja vista como as tecnologias digitais atravessam a constituição das atividades sociais hoje e como as notícias falsas estão permeada nestes espaços virtuais.

Neste texto, cumprimos o propósito de traçar uma genealogia das mentiras urbanas disseminadas na França até as mentiras virtuais fabricadas e compartilhadas nas mídias sociais, evidenciando a literatura libelista produzida no contexto francês do século XIX, pontuando as similaridades com as atuais *fake news*.

Destacamos, pois, que os libelos constituíam-se de textos, cuja autoria era ausente, que tinham como objetivo difamar reputações, desvelar segredos de homens públicos e, com isso, estimular a circulação do boato, dotando-o de um caráter de verdade. Com as notícias falsas de hoje, o processo é similar, especialmente em relação ao sujeito político, conforme observamos na polêmica da “mamadeira de piroca” na eleição de 2018.

Vimos que, assim como *as fake news*, os libelos também tocavam em aspectos relativos à sexualidade. Seja na revelação dos pecados cometidos pelo clero nos libelos, seja nas notícias falsas acerca da “mamadeira de piroca”, é da sexualidade e seus temíveis perigos que se trata.

Não obstante, é importante reiterar que as *FN* redimensiona o raio de alcance de um modo muito mais intenso, em conformidade com as condições sociotécnicas hoje existentes. O fato de a sociedade estar muito mais conectada, através de aparelhos móveis, faz com que essas mentiras afetem muito mais do que os boatos dos libelos. Isso foi analisado, quando pontuamos alguns discursos que consideram as notícias falsas danosas à saúde. Assim, os libelos estavam restritos a um contexto ainda peculiar e não abrangia as dimensões espaço-temporais que as notícias falsas contemporâneas recobrem. De qualquer modo, é importante pensar que o discurso falacioso tem uma história, uma genealogia e, desse modo, pauta-se por saberes, poderes, de maneira a construir subjetividades.

O presente trabalho deixa lança a possibilidade de refletirmos, em estudos posteriores, sobre diversas outras práticas de cunho difamatório, engendradas ao longo da história humana e que podem se configurar em resquícios do que hoje consideramos como notícias falsas. Decerto tais práticas efetivaram-se sob condições, específicas, mas deixam entrever que a história é descontínua e marcada por fissuras e desníveis.

## Referências

- Araújo, IL. (2004). *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editoria
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Borba, FS. (2004). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP.
- Darnton, R. (2012). *O diabo na água benta. Ou a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão*. Tradução Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ferrari, P. 2018. *Como sair das bolhas*. São Paulo: EDUC/Fortaleza: Armazém da Cultura.
- Fisher, R. M. B. (2013). Foucault. In: Oliveira, LA (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 123-151.
- Foucault, M. (1982). As malhas do poder (Final). *Barbárie*, Salvador, 3 (5) p. 34-43.
- Foucault, M. (1992). *O que é o autor?* Tradução de Antônio Fernando César e Edmundo Cordeiro. Passagens: Veja.
- Foucault, M. (2006). Diálogos sobre o poder. In: *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2010). *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2014). *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2017). *Microfísica do Poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Machado, R. (2017). Por uma genealogia do poder. In: Foucault, Mi. *Microfísica do Poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Pereira, AS et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Disponível em:  
[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1).

Porcello, F. Brites, F. Verdade x Mentira: A ameaça das *fakenews* nas eleições de 2018 no Brasil. (2018). 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018. Joinville/SC. *Anais...* Joinville/SC.

Rabinow, P.; Dreyfus, H. L. (1995). *Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Romeiro A. 2017. A. Pasquins, libelos e panfletos: a cultura do manuscrito na América portuguesa. *Artcultura*, Uberlândia, 19 (35), p. 85-97.

Recuero, R; Gudz, A. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. (2019). *Galáxia*, São Paulo, 31, p. 31-47.

Roxo, M. (2014). O diabo e o diploma: como a difamação do passado pode ajudar no jornalismo do presente. In: Sacramento, I, Matheus, LC. (Org.). *História da Comunicação: experiências e perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad.

Roxo, MA & Melo, S. (2018). Hiperjornalismo: uma visada sobre fake news a partir da autoridade jornalística, *Famecos*, Porto Alegre, 25(3): 1-19. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30572/17226>>.

Veiga-Neto. (2017). *Foucault & a Educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica.

**Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Joseeldo da Silva Junior – 60%

Regina Baracuhy - 25%

Francisco Vieira da Silva– 15 %